

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal do Commercio Class.: Krenak 201

Data: 17/04/94 Pg.: \_\_\_\_\_

## Projeto forma índios para atuar em aldeias

GETÚLIO ALENCAR  
AENJ

É preciso e possível acabar com a idéia do índio coitadinho, incapaz de se manter pelas próprias pernas, dependente de socorro e manipulado pelos interesses dos brancos. A opinião é do líder Krenak Ailton Krenak, diretor do Centro de Pesquisas Indígenas e coordenador de uma projeto pioneiro e especial de formação de índios técnicos em biologia e em direito para apoiar as comunidades.

Iniciado em 90 e concluído no ano passado, o programa teve bom alcance sobretudo o de biologia. O curso teve um currículo adaptado às necessidades dos índios e depois de três anos e meio formou seis dos nove bolsistas, que voltaram para suas aldeias na tentativa de orientar o povo sobre trabalhos práticos em reflorestamento, coleta e seleção de sementes, manejo de florestas, pesca, caça e assuntos de interesse das comunidades. O curso de direito tinha nível universitário e também foi realizado na Universidade Católica de Goiás. Cinco estudantes foram matriculados em regime especial. Um, Paulinho Pankararu, deve se formar no final do ano. Dois caingangues, um terena e um bakairi freqüentaram o curso durante um ano e meio.

Com financiamento de organismos internacionais, o Centro de Pesquisas Indígenas estabeleceu um centro de convivência numa área experimental para criação de animais e desenvolvimento prático dos estudos. Com expectativas muito diferentes entre si, os estudantes de direito não concluíram o curso. "Foi como juntar brasileiros, paraguaios, japoneses. E o pior é que os brancos viam todos como sendo iguais, quando são todos diferentes", diz Pankararu que, depois de freqüentar o curso

durante quatro semestres, foi obrigado a fazer vestibular e recomeçá-lo.

A idéia de Krenak era criar o embrião de uma faculdade semelhante aos community colleges de Washington, Estados Unidos, onde os índios lumi se formam em biologia marinha e trabalham no aproveitamento do salmão, ficando com os recursos ambientais para seu sustento. No Brasil, segundo ele, é que não há elites indígenas para fazer a ligação com o mundo dos brancos. "Se chegarmos ao ano 2000 com 20 ou 30 biólogos e administradores capazes de fazer a gestão dos problemas de saúde e educação, teremos condições de qualificar nossas reivindicações junto ao Estado, deixando de ser vítimas da manipulação dos outros", explica.

Para Orlando Baré, que antes de participar do programa em Goiânia formou-se em filosofia pela Universidade Católica de Salvador, a experiência foi positiva porque ele conseguiu transferir o aprendizado para lideranças indígenas que estão na linha de frente dos trabalhos e articulações das demarcações e da solução dos problemas de saúde e educação. Segundo ele, "é necessário que os povos indígenas conheçam o outro lado da ciência e que a sociedade não-indígena também conheça nossa cultura, nosso mundo, porque entre nós existem sábios e cientistas".

Atualmente assessor da Funai, ele acha que, apesar dos esforços, a experiência não deu certo porque faltaram recursos e os próprios índios não se organizaram para fazer com que a idéia progredisse. "São muitas culturas e, por isso, é fundamental que as lideranças encontrem alternativas e elaborem propostas capazes de harmonizar a cultura ocidental e a cultura dos nossos povos", sintetiza Baré.